

*"Cantar é mover
o dom do fundo
de uma paixão
Seduzir..."*

Djavan

s ávidas
sceu
ssumiu,
e grande

o tem o
ue
a triste

atarinense
imbo,
uritiba, é
ossa arte

para ser
Para os
a
tista é
a da
"É
nos nos
te, que
pelo
entinho.

ertório
gostam
ormiga
s letras
por isso
rário.
participar
rande
il de
público
jes de
Quer
vamos
amos ver
Brasil
ídios, em
visão",
no.

*"Cantar nunca
foi só de alegria
Com o tempo
ruim, todo
mundo
também dá bom
dia..."*

Gonzaguinha

QUEM NÃO GOSTA DE SAMBA, BOM SUJEITO NÃO É...

É Aninha, a garota de 22 anos que há cinco diz presente à cena musical joinvilense com um repertório inusitado para sua geração. Ela, que durante um ano cantou chorinhos no Mercado Municipal, leva muito samba e bossa nova, onde quer que vá, violão a tiracolo. O fino da bossa, como definiriam seus ícones Tom, João, Elis...O gosto pelo samba e pelo choro, que ela garante ter no sangue, herdou do pai, que orientou sua infância sob acordes de cavaquinho e sob as bênçãos de Nelson Sargento, Cartola, Nelson Cavaquinho... Surpreende o público com um repertório refinadíssimo que privilegia Carlinhos Lyra, sem esquecer das proparoxítonas de Chico Buarque, dos semitons de Tom Jobim, da sensibilidade de Paulinho da Viola. "A gente não escolhe a música, é a música que nos escolhe. Simplesmente acontece, naturalmente, quase como respirar", diz Aninha, olhos pregados na realidade de ter abraçado uma profissão onde são muitos os chamados e poucos os escolhidos - e raramente são os melhores. Mas olhos também eternamente voltados para vãos mais altos, para projetos ousados, para fazer e acontecer. **Ana Paula da Silva** estuda música, pratica música, faz música, vive de música - mas não assim tão bem. "É claro que consigo sobreviver ainda porque não tenho família para sustentar", esclarece, fazendo planos de aproveitar ao máximo esse seu tempo para se dedicar à sua arte - nas várias facetas onde pretende atuar. Há anos acalenta um sonho de levar música popular brasileira às escolas públicas - especialmente as de periferia e da zona rural. "Esses meninos e meninas se encantam ao conhecer a história do samba, a história dos grandes sambistas, ao entender o que foi a bossa nova no movimento musical brasileiro", garante Ana, que já participou de experiência semelhante

com as crianças do bairro Adhemar Garcia. Mas demonstra uma certa melancolia ao falar do público. "Quase sempre quem vem a mim, quem admira meu trabalho, quem valoriza o músico é gente de fora de Joinville. Adoraria ver mais conterrâneos meus diante do palco", evoca. Mas ela não culpa ninguém - a não ser o próprio perfil da cidade por isso. "Somente agora estamos aparecendo com uma certa importância no movimento da noite catarinense. Mas ainda pesa bastante a nossa característica de cidade industrial - que também nos orgulha", pondera Aninha, outra voz que se soma, também, à defesa da música brasileira em suas verdadeiras raízes, em suas nuances originais.

